

## Os versos e os vermes

Cláudio Oliveira

“Ao verme que primeiro roeu  
as frias carnes do meu  
cadáver dedico como  
saudosa lembrança estas  
memórias póstumas”

*Memórias Póstumas de  
BrásCubas*, Machado de  
Assis

São infinitas as possibilidades de articular literatura e psicanálise. Em Freud, é possível, entre outros, o caminho que parte da *Interpretação dos Sonhos*, do modo como Freud trata o sonho como um texto escrito pelo inconsciente. Pode-se partir também de seu texto *O Poeta e o Fantasiar*, traduzido, não sei por quê, no Brasil, por *Escritores Criativos e Devaneio*, onde trabalha a relação entre jogo, fantasia e escrita poética, pensando a estrutura temporal que as perfaz. Pode-se partir, igualmente, das inúmeras aproximações de Freud com escritores, como em seu texto sobre a *Gradiva* de Jensen. Há ainda o belíssimo texto *O Estranho*, todo ele construído num diálogo com a obra de Hoffmann.

Em Lacan, a pluralidade de caminhos não é menor: o belíssimo texto sobre a Infância de Gide, o célebre seminário sobre o conto de Poe, *A Carta Roubada*, suas análises, no seminário sobre a transferência, sobre a trilogia de Paul Claudel, sua histórica leitura da *Antígona* de Sófocles, no seminário da Ética, sem falar do lugar de Joyce, cuja uma importância só aumentou ao longo da obra de Lacan, até o ponto de se transformar em tema de seu seminário XXIII, *Le Sinthome*, recentemente publicado na França. Para além de se deter na obra dos escritores, encontramos em Lacan uma longa reflexão sobre a linguagem, a fala, a língua, a palavra, o significante e, sobretudo, sobre a letra e a escrita, sobre a instância da primeira no inconsciente e sobre a função da segunda na análise, o próprio processo analítico pensado em termos de uma *écriture*, de uma escritura.

Portanto, são infinitos os caminhos em direção ao nosso tema. O que justifica a presença do tema nesta faculdade de Letras. Há uma relação estrutural entre literatura e psicanálise por trabalharem ambas com um elemento comum: a linguagem. Mas como temos que escolher um caminho, pensei em

partir, apenas para nos dar elementos para discussão, pensei em partir de algumas passagens de dois textos de Lacan, considerados dificílimos entre os mais difíceis, mais bem próximos do que eu quero tratar aqui: *Radiofonia* e *Lituraterra*.

Num capítulo dedicado à elaboração secundária a que os sonhos são submetidos pela instância censora, Freud põe lenha na fogueira da cisão entre poetas e filósofos dizendo:

essa função [a elaboração secundária] se comporta da maneira como o poeta maliciosamente atribui aos filósofos: preenche as lacunas da estrutura do sonho com trapos e remendos. Como resultado de seus esforços, o sonho perde sua aparência de absurdo e incoerência e se aproxima do modelo de uma experiência inteligível (FREUD, 1996, v. V, p. 523).

Trata-se de uma alusão aos versos de Heine, um poeta muito citado por Freud, e aos quais ele novamente se refere em sua conferência sobre a *Weltanschauung*, ao dizer que “muitas vezes não é injustificado o mordaz comentário do poeta quando diz do filósofo: ‘com seu gorro de dormir e os trapos de seu roupão noturno ele remenda as falhas do edifício do universo’” (Freud, 1996, V. XXII, p. 157).

Numa passagem de *Radiofonia*, de Lacan, o psicanalista é novamente flagrado falando da relação entre o poeta e o filósofo. Diz Lacan:

O poeta se produz por ser (...) devorado pelos versos/vermes [vers] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não. Daí a consistência, em Platão, do ostracismo com que ele golpeia o poeta em sua *República*, e da viva curiosidade que mostra, no *Crátilo*, por esses bichinhos que lhe parecem ser as palavras, que seguem apenas seus caprichos” (LACAN, 2003, p. 402-403).

Lacan coloca a relação entre o poeta e o filósofo em termos bastante semelhantes aos de Freud, mas com uma pequena diferença. Em Freud, o poeta está do lado do que há propriamente de pensamento onírico no sonho, de algo que poderíamos chamar de uma elaboração primária, em oposição à secundária, que ele atribui ao filósofo. Enquanto tal, o filósofo representa o que há de pensamento de vigília no sonho. Situado no que há de propriamente onírico no sonho, o poeta se localiza no campo do não saber ou do saber inconsciente. Pois por *não saber*, em psicanálise, devemos sempre entender *saber inconsciente* e nunca *ausência de saber*. O poeta devorado por seus vermes, os versos, porque não sabe o que diz, por isso mesmo escreve como o inconsciente. No poeta, *isso* escreve. Proscrito da cidade, por *não saber*, o poeta representaria, na *República* de Platão, a própria proscrição do

inconsciente do campo da filosofia, exigindo como lei da cidade o saber: nos termos de Platão, o filósofo rei, ou, nos termos de Freud, em a *Interpretação dos Sonhos*, o pensamento de vigília. O pomo da discórdia entre poesia e filosofia seria o inconsciente. Mas Lacan aponta, ao mesmo tempo, para outro viés. Afinal, Platão não escreveu apenas a *República*. Além de ter escrito um *Banquete* que não deixou de interessar nem mesmo a Freud (que não vê nenhuma diferença entre o que ele chamou de *libido* e o que Platão chamou de *éros*) e que provocou quase a metade de um seminário inteiro de Lacan (o da transferência), Platão escreveu também um *Crátilo*. Lacan encontra nesse diálogo de Platão um interesse do filósofo por esses bichinhos que são as palavras, por esses vermes com que os poetas fazem seus versos. É aqui que aparece a diferença de Lacan a que eu me referia. Ele aponta para o interesse do filósofo pela linguagem.

Como Platão não é só a *República*, a filosofia não é só pensamento de vigília. Os filósofos também dormem. E até sonham. E muitos deles também não sabem o que dizem. É certo que estes são mal vistos por seus colegas universitários. São filósofos conhecidos por andarem em más companhias: a dos poetas, desde sempre, e a dos psicanalistas, recentemente.

Num texto escrito no ano de 1947, chamado *Da experiência do pensamento*, um texto em que a fronteira entre poesia e filosofia parecer reduzir-se a uma linha muito tênue, a tal ponto que Heidegger escreve em versos seus vermes, ele nos fala de três perigos que ameaçam o pensamento:

O bom e salutar perigo é a vizinhança do poeta que canta.

O mau e por isso mais agudo perigo é o próprio pensamento. Ele deve pensar contra si mesmo, o que ele consegue apenas raramente.

O pior e por isso confuso perigo é o filosofar. (HEIDEGGER, 1996, p. 15).

Interpretar esses versos implica em construir uma nova fronteira não só entre a filosofia e a poesia, mas também entre a própria filosofia e o pensamento, e por fim entre o próprio pensamento e ele mesmo: uma fronteira no próprio campo do inconsciente, já que, nesse sentido, o pensamento não coincidiria consigo mesmo e seria marcado por uma divisão estrutural. O pensamento: nem poesia, nem filosofia, nem pensamento. Ao ter como mau e mais agudo perigo o próprio pensamento, o pensamento se divide na luta consigo mesmo. Ao aproximar-se do perigo da poesia, do filosofar e de si próprio, Heidegger restitui o inconsciente ao pensamento, como podemos ver neste verso que encontramos na página anterior do mesmo livro: “Nós jamais chegamos até os pensamentos. Eles chegam até nós” (*Ibid.*, p.11). Devorado por seus pensamentos, Heidegger escreve seus vermes, como qualquer

escritor. A fronteira entre pensamento, filosofia e poesia, pensada a partir do que a psicanálise nos ensina, na verdade se daria no modo como eles mesmos, poesia, filosofia e pensamento, fazem fronteira com o real ou, a partir da distinção proposta por Lacan em *Lituraterra*, fazem litoral com o real, pois, ao fazer litoral, estabelecem uma fronteira com algo inteiramente outro. Não se trata mais, portanto, de pensar a fronteira entre poesia, filosofia e pensamento. Não se trata portanto de que o filósofo saiba e o poeta não. Mesmo o pensamento não é sem uma permanente luta consigo mesmo. Trata-se do modo como, nessas três experiências da linguagem, para usar mais uma vez uma expressão de *Lituraterra*, a letra desenha a borda do furo no saber. A poesia, a filosofia e o pensamento se tornam assim práticas da letra. A letra tornaria o litoral com o real, literal. A letra escreveria o entre, entre o real e o saber: saber poético, filosófico, ou simplesmente pensamento. Como diz Lacan, “entre o gozo e o saber, a letra faria o litoral” (D’un discours, p. 117). Poesia, filosofia e pensamento seriam, nesse sentido, modos de fazer o desenho em torno do vazio. Heidegger, a esse propósito, seria um filósofo (se aceitarmos chamá-lo ainda de filósofo) ou um pensador (como ele parece preferir neste texto) especialmente significativo pra ilustrá-lo. Não foi senão a ele e a seu ensaio sobre *A coisa*, que Lacan recorreu, em seu seminário sobre a *Ética da Psicanálise*, para mostrar como o significante cava no real um buraco que Lacan chamou, a partir do *Projeto* de Freud, com a mesma expressão alemã que Heidegger: *Das Ding*, a Coisa. Desse buraco cavado pelo significante, só a letra pode desenhar a borda. O significante, nesse sentido, antecede a letra, que não pode por isso ser considerada primária. Ela é a consequência de um trabalho.

Voltando à passagem de *Radiofonia*, o que põe o poeta – e, a partir de agora, eu gostaria de poder afirmar, também a filosofia e o pensamento – no campo do inconsciente e, ao mesmo tempo, no saco da lingüística, é, segundo Lacan, “a barra colocada entre significante e significado” (p. 400-1). Tal barra tem duas consequências imediatas: a primeira é que “nenhuma significação doravante será tida como evidente” (ibid., p. 4001); a segunda é que o significante difere do signo, já que este sinaliza (*fait signe*) algo para alguém. O signo pressupõe o alguém. O significante pressupõe o sujeito. O sujeito não é um alguém. Como diz Lacan, “chame esse alguém como quiser, será sempre uma estupidez” (ibid. p. 401). O alguém oculta a entrada na lingüística. A partir do sujeito, por outro lado, “a lingüística ganha força, para além dos gracejos da comunicação”(ibid.), pois o sujeito, padecendo da barra colocada entre significante e significado, é “originalmente marcado por uma divisão”(ibid., 402) que impede que ele saiba o que diz. O recurso à comunicação, ao contrário, protege, como diz Lacan numa formulação arrojada, “a retaguarda do que a lingüística torna caduco, encobrendo o ridículo que chega *a posteriori* por feito dela”(ibid. p. 402). Ao privilegiar o significante e sua trama, a lingüística torna derrisória toda teoria da linguagem que a toma como meio ou instrumento de comunicação. Não faz sentido falar em alguém a quem o significante se destina.

O significante não se remete a alguém, mas a outro significante.

Ao afirmar que a lingüística coloca o poeta em seu saco, Lacan se refere a seu amigo Jakobson. Mas ele lembra também os escritos que Saussure não tornou públicos, onde este decifrou anagramas na poesia saturnal. Ao fazê-lo, Saussure tira totalmente o poeta do campo da comunicação. O poeta não se comunica. Ele faz versos, vermes que encontram entre si seus arranjos. Mas ele nada sabe disso. Por isso, não tem nenhum saber a comunicar, mas a construir. O que Saussure, secretamente, e Jakobson, abertamente, demonstram é o que Lacan formula assim: “o inconsciente é a condição da lingüística” (ibid. p. 403), e isso não é senão um outro modo de dizer que Freud se antecipa à lingüística, na medida em que o que Freud chama de inconsciente não é senão o fato de “que o sujeito não seja aquele que sabe o que diz”(ibid.).

Mas Lacan acrescenta à sua fórmula uma outra, a de que “a linguagem é a condição do inconsciente” (ibid. p. 404). E é também por esse viés que podemos pensar como o filósofo e o pensamento são trazidos para o campo do inconsciente, na medida em que o filósofo se interessa por esses bichinhos que são as palavras. Pelo menos, foi o que, me parece, Lacan tentou propor ao traduzir e publicar, em 1956, no primeiro número da revista *La Psychanalyse*, um texto de Heidegger, de 1951, intitulado *Lógos*, onde este interpreta o fragmento 50 de Heráclito. Um ano antes, em 1950, Heidegger faz uma conferência a que dá o título “A linguagem” [*Die Sprache*]. Essa conferência se inicia com a seguinte afirmação: “O homem fala”, mas somos conduzidos, nela, num movimento muito veloz, poucos parágrafos depois, à seguinte afirmação: “a linguagem fala” [*Die Sprache spricht*]. Como um modo de justificar tal transição, Heidegger diz as seguintes palavras: “Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguirmos morar na linguagem, isto é, na *sua* fala e não na nossa.”(HEIDEGGER, 2004, p. 9).